

## O pintor de rua

Sentado em um banco de madeira, com o peso da gravidade o jogando pra frente, o corpo do pintor foi encontrado na mesma posição em que ele era visto todos os dias da semana.

De costas para a rua, seu trabalho era feito em pedaços de madeira, lonas, faixas recicladas e tudo mais que encontrava. A cena do crime, naquela fria madrugada de sábado, não dava pistas nem para o mais profissional dos policiais.

Os pinceis do artista de rua, com somente uma exceção, jaziam no copo com a água de cor turva. As fotos que gostava de replicar seguiam guardadas em sua pequena caixa de madeira, intacta como se nenhum crime tivesse ocorrido.

Na sua frente, o desenho de um rosto desconhecido, incompleto, feito, diferente de todos os seus trabalhos, sem a inspiração de um retrato. Apesar da ausência da foto para copiar, o desenho parecia tão detalhado como todos os outros.

A tinta vermelha usada no rosto incompleto foi encontrada tanto na madeira que servia de tela, como nas pernas e mãos do artista, confundindo-se com o vermelho do sangue do seu nariz.

- Acharam a seringa? – Xavier foi acordado no meio da madrugada. Ele chegou tão amassado quanto suas roupas, com o curto cabelo despenteado e a barba cinza escura por fazer. Com uma jaqueta o protegendo do frio, ele chegou na cena alguns minutos depois dos investigadores da polícia científica.

Em três semanas daquele agitado ano eleitoral, aquele era o quinto morador de rua assassinado. Em comum entre as vítimas, somente o status social e a forma que morreram. Os dois primeiros, diziam os peritos, morreram enquanto dormiam, em frente a uma igreja católica, onde passavam a maior parte dos domingos e dias santos.

A terceira vítima era considerada louca por todos. Ela surgira nas ruas três anos antes dos crimes, passava os dias falando sozinha em francês, sempre bem vestida, mas com uma escolha de cores de maquiagem que assustavam qualquer um que cruzasse por ela. Em poucos dias, a moradora de rua sem documento e sem nome ganhou a identidade de “a francesa”.

A quarta vítima, a política acreditava, havia sido confundida com um morador de rua. Tratava-se de um operário que decidira, naquela noite, não ir para a sua distante casa.

Cinco crimes noturnos, cinco pessoas que usavam (ou, por azar, usaram por uma noite) a rua como moradia...

A seringa estava no chão, usada, do lado esquerdo do assassinado artista. Ela havia sido injetada, entretanto, em seu braço direito, o mesmo que ele usava para pintar. Não havia sinal de violência, de resistência ou mesmo de sofrimento posterior ao ataque.

O detetive acompanhou o trabalho da perícia de perto, mas sem entrar nos pequenos metros quadrados cercados pela fita amarela da polícia. Um grande holofote tornava a noite em dia no local do crime, ajudando na difícil tarefa de achar algum traço do assassino.

- Nenhum sinal de digital, nenhuma peça fora do lugar. Foi mais um crime perfeito! – o perito parecia decepcionado, apesar da frieza do olhar e do tom de voz. Após sua fala, olho no olho com Xavier, ele liberou a cena do crime para que os bombeiros removessem o corpo do artista.

Com o holofote ainda ligado, mas após o trabalho de remoção, o detetive se sentou na mesma cadeira usada diariamente pelo pintor. A seringa havia sido recolhida pelo perito, assim como o pincel com a tinta vermelha.

Xavier olhou para os objetos do artista e tentou pensar na mecânica do seu trabalho. Usando uma luva branca, ele abriu a caixinha de fotos, retirou e colocou de volta alguns dos pinceis que jaziam no copo de água turva e mediu com os olhos a distância que os braços do artista precisavam percorrer durante o seu trabalho.

Antes de se levantar, desolado pela dificuldade em entender mais um crime, ele prendeu o olhar no quadro desenhado pela metade. O formato do rosto estava completo, olhos, cabelos e nariz estavam no lugar. O crime deve ter ocorrido segundos antes dele desenhar a boca. No lugar de lábios e dos dentes, somente a madeira sem cores. Triste pelo crime, ele decidiu pegar aquele pedaço de madeira transformado em quadro como uma forma de guardar parte da lembrança do pintor.

\* \* \*

- A luta de classes está por todos os lados que você olha na sociedade. Ricos só votam em ricos, só aprovam leis para ricos e criam cada vez mais uma sociedade injusta, desigual e insegura. A polícia só defende os pagadores de impostos, as cadeias só prendem negros e pobres, os colégios públicos só servem para criar escravos profissionais do capital!

Faltavam poucas semanas para a conclusão de mais uma eleição. Mais acalorado que a média, aquele pleito dividia o estado em dois. De um lado o candidato à reeleição, moderado, de Centro, apelidado pela seu opositor de “o candidato dos ricos”. Do outro, um popular ator, famoso pela sua beleza, seus grandes prêmios, mas também seu radical discurso de esquerda, por acreditar numa sociedade dividida e por acreditar que a culpa daquela divisão estava “no andar de cima.”

- Esse é o quinto trabalhador simples assassinado friamente nas últimas três semanas! Será que o nobre candidato à reeleição está enquadrando a sua polícia pelo crime contra os mais pobres? Ou será que ele somente se preocupa com a segurança dos marajás que o mantém no poder?

Como não podia deixar de ser, os assassinatos viraram tema central da corrida eleitoral. Sebastião, o famoso ator de esquerda, concorria ao cargo de Governador contra João de Souza. O aumento da criminalidade contra os moradores de rua sensibilizavam a opinião pública e uma reeleição garantida para o Governador João virava uma corrida incerta, imprevisível. Há uma semana do primeiro turno, qualquer coisa podia acontecer. A cada discurso inflamado e emocionado de Sebastião, mais intenções mudavam de opinião.

- Não esperem que no meu governo eu tenha paciência com aqueles que cometem crimes contra pobres. A minha polícia vai trabalhar em todos os bairros e todas as ruas de todas as cidades. Se você se sente inseguro hoje, tenha certeza que comigo isso não vai acontecer! Eu não serei o Governador dos ricos!

O candidato discursava para mais de três mil pessoas, embaixo de uma fina chuva, naquela manhã de sábado. Um palanque havia sido montado na maior favela da cidade, curiosamente de onde o artista de rua saía. A cada exclamação, aplausos. A cada promessa, esperança. Sebastião usava cada verbo para prometer, cada adjetivo para criticar, cada vírgula para aumentar a atenção daqueles que o escutavam.

Deitado em sua cama, Xavier acompanhava o discurso com os olhos meio abertos, meio fechados. Separado, morando longe da sua única filha, sua casa demonstrava a clara ausência de um toque feminino. Entre os poucos objetos de decoração, o pequeno pedaço de madeira pintado pelo assassinado artista ganhara destaque em sua parede.

Com os gritos do candidato na TV, o detetive se sentou em sua cama e esfregou a mão no rosto, acordando para mais um final de semana de trabalho. Desde que retornara da cena do crime, ele havia dormido mais algumas horas, usando a mesma roupa com a qual saía para a rua.

A aparente calma na reação do pintor envenenado não saía dos pensamentos do detetive. A posição da seringa no chão, Xavier sabia, indicava que o artista a tirara do seu braço direito e a largara. A posição da sua morte indicava que após o ataque ele não se virara para trás, não se levantara e não pedira ajuda. O seu rosto, apesar da dor da morte e do sangramento do nariz, era de uma paz interior que contrastava com o veneno que consumira sua vida. Entre ser envenenado e morrer, as vítimas tinham um pouco menos de cinco minutos para tentarem se salvar. O pintor, entretanto, preferiu continuar na sua cadeira...

Olhando para a TV, simpático ao discurso do carismático candidato, Xavier se levantou e decidiu voltar para a cena do crime. Antes de sair de casa, mais um café, mais uma jaqueta e uma última olhada em seu novo quadro.

\* \* \*

- Ele parecia nervoso com as mortes anteriores à dele, se enxergava em cada um das vítimas e dizia, muitas vezes, que poderia ser o próximo. Ele vivia repetindo que a polícia não tinha a menor pista do serial killer e que muitos poderiam morrer antes que alguém achasse o suspeito! – atrás da cena do crime havia um boteco frequentado pelo pintor de rua. Parte dos poucos trocados que ele conseguia com o seu trabalho eram usados para almoçar e jantar no lugar que ele, de forma irônica, chamava de “sua segunda casa”.

- E ele recebeu algum cliente na noite do crime? – Xavier reparava em cada detalhe daquele simples boteco, enquanto ouvia o que o dono do lugar tinha pra falar.

- Não que eu me lembre. Pouco antes de eu fechar, ele colhia alguns pequenos pedaços de madeira de uma obra vizinha, provavelmente pra começar o seu último desenho.

Não havia câmara no local. No bairro simples onde o assassinato ocorrera, crimes eram comuns, mas os comerciantes não tinham dinheiro suficiente pra montar um sistema eletrônico de segurança.

Virado de costas para o bar e de frente pra cena do crime, Xavier notou um homem, também agasalhado, de jaqueta alta, chapéu e óculos escuros. Protegido contra a fina chuva, ele parecia se proteger também do seu reconhecimento. Sua roupa o protegia e o escondia.

O homem não viu Xavier e atravessou a rua, aproximando-se do local parcialmente intacto, como se esperando o retorno do artista. A cadeira e os pinceis estavam no mesmo lugar, assim como as faixas reusadas, a caixinha com os retratos e um pote onde colocava moedas recebidas.

Xavier se aproximou do homem pelas suas costas e falou, antes de ser notado:

- Você também era fã dele?

O homem se virou assustado. Ele não tirou nem o óculos, nem o chapéu. Ao ver Xavier, abriu um leve sorriso e estendeu a mão:

- Prazer! Sim, eu gostava do seu trabalho. Uma fatalidade ele ter morrido...

O detetive somente mexeu a cabeça.

- Eu li que ele foi envenenado! – concluiu aquele homem.

Os dois ficaram parados, olhando para a cena do crime.

Xavier estava à paisana, como na maior parte dos seus dias de trabalho. De pele mulata e um porte físico discreto, ele tinha uma feição simpática e não intimidava ninguém, o que era uma grande virtude em investigações. Apesar de não mostrar o rosto, o homem ao lado do detetive também parecia cansado, com a roupa amassada e a barba por fazer. É como se os dois ali tivessem dormido pouco. Olhando pra baixo, Xavier indagou:

- Você também pinta?

O homem não entendeu a pergunta. Por uns segundos, ele tentou interpretar o por que daquela dúvida. Após um breve silêncio, respondeu:

- Não! – e sorriu.

- O que você faz?

O homem olhou rapidamente para o detetive e se despediu:

- Desculpa, mas eu preciso ir! Tenha um bom dia...

Antes de se virar, Xavier segurou a sua mão.

- Qual foi a sua motivação? – perguntou com a voz baixa.

- Motivação? – desconversou.

Xavier puxou a arma com a mão livre e a colocou na testa do homem:

- Tira o óculos e o chapéu! – e engatilhou a arma – Agora!

Algumas pessoas se aproximaram da cena e, apesar da arma, a curiosidade era mais forte do que o perigo. Usando um sapato preto, o homem não notara, mas dois pingos vermelhos podiam ser vistos na ponta do seu pé direito.

- Eu não vou pedir de novo! – gritou Xavier.

Aqueles olhos, aquele cabelo. O rosto na frente do detetive tinha semelhanças excessivas com o quadro de tinta fresca incompleto que ele levava para a sua casa. Xavier não tinha mais dúvidas, nos cinco minutos em que poderia pedir socorro, o pintor de rua aproveitou para fazer um desenho do seu assassino. Com a injeção feita por um homem não identificado e de luvas médicas, o artista sabia que desenhar aquele rosto seria mais útil do que pedir socorro.

Já na delegacia, com o suspeito algemado dentro de uma pequena sala sem vidros ou janelas, Xavier se sentou. O rosto, agora completo, de cor branca, sem nenhum tom de vermelho, encarava o detetive de volta.

- Você sempre volta pra cena do crime? Ou depois de quatro assassinatos perfeitos, o sucesso subiu à sua cabeça? – o detetive tomou mais um gole de café (já era o terceiro do dia), enquanto dividia a fina e prateada mesa com o suspeito – Quem diria que, ao contrário de todas as suas vítimas, o pintor usaria os seus últimos suspiros pra pintar o seu rosto, pra nos ajudar a te pegar? Confessa pra mim que você não contava com essa...

Xavier se levantou, pegou o café da mesa e caminhou lentamente para trás do suspeito:

- Esse seu descuido vai te custar bem caro hein... 30 anos preso, dividindo celas com homens tão pobres quanto as suas vítimas. Você com esse rostinho branco, essa pele delicada, essa cara de riquinho. Se souberem lá dentro da guerra contra os moradores de rua que você fazia aqui fora, é provável que você não dure muitos dias... – a voz do detetive ficava mais baixa à medida que ele se aproximava. Praticamente encostando a boca no ouvido do suspeito, ele sussurrou – O “Hitler”, o homem que fazia a “faxina das ruas”. Se você não explicar a sua motivação, você pode ter certeza que eu vou pessoalmente explicar pros presos quem você é o que você fez...

O suspeito não se mexia, não demonstrava emoção, não piscava. Apesar de algemado, ele se sentia dono da situação.

- Qual é a sua motivação? – Xavier pegou o que sobrou do seu café e arremessou forte contra uma das paredes – Qual é a sua motivação? – ele partiu pra cima do suspeito, o pegou pela jaqueta e o levou até a parede, levantando-o pelo pescoço.

Acompanhando a cena pelas câmeras, os demais policiais entraram na sala e separaram o detetive do suspeito. Não era necessário ser advogado ou delegado para saber que os pingos de tinta vermelha e a semelhança com um rosto incompleto num pedaço de madeira não separado como evidência pelos peritos eram provas que não se sustentariam sozinhas. O chefe de Xavier não teve outra opção, além de liberar o suspeito após algumas perguntas. Para os peritos tratava-se ainda de um crime perfeito, para Xavier, de um crime que somente a frieza da lei poderia entender como perfeito.

Buscado por um carro de luxo, blindado, com vidro escuro, na porta da delegacia, o suspeito entrou no carro pela porta da frente e se sentou calado.

- Por que você voltou pra cena do crime?

Um homem se sentava exatamente atrás do suspeito. Virando-se pra responder, o suspeito ouviu:

- Continua olhando pra frente! Por que você voltou pra cena do crime?

O suspeito não sabia o que responder. Em todas as outras mortes, ele não voltara. Mas ao fugir da cena e perceber a calma do pintor, ele sentiu que algo estava estranho. Pela primeira vez ele colocara a seringa numa vítima e ela sorria. O artista ficara contente em conseguir deixar pistas do assassino... Menos calmo do que dentro da delegacia, questionado pelo seu empregador, pelo homem mais beneficiado por todas aquelas mortes, pelo homem que potencialmente controlaria, muito em breve, todo o aparato policial, ele só tinha uma opção de frase:

- Me desculpa Sebastião!